

6. Significação dos calçados

6.1. A permanência dos modelos – da modernidade à atualidade

6.1.1. Categoria tamanco

6.1.2. Categoria Mocassim

6.1.3. Categoria Bota

6.1.4. Categoria Mule

6.1.5. Categoria Pump

6.1.6. Categoria Tênis

6.1.7. Categoria Monk

6.1.8. Categoria Oxford

6.1.9. Categoria Sandália

6.2. Síntese

6. A significação dos calçados

A maior contribuição de conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento. A maior certeza que nos foi dada é a da indestrutibilidade das incertezas, não somente na ação, mas também no conhecimento. Edgar Morin

O calçado tem uma função evidente - a de proteger os pés. Mas, ao longo da modernidade, o calçado teve uma crescente ênfase na sua significação. Com a moda, o ato de diferenciação ao se vestir constituiu essencialmente um ato de significação, podendo se manifestar simbolicamente ou por convenção, formando um código da sociedade e das instituições em que é utilizado (Perrot, 1981, p.16). Este caráter significativo implementado pela moda superou o caráter funcional dos calçados, cuja concepção muitas vezes se contrapôs à idéia de funcionalismo. O segundo capítulo apresentou exemplos de calçados que atingiram extremos, as *poulaines* e os *bearpaws* em relação à biqueira, ou as *chopines* em relação à altura.

Na contemporaneidade, esse caráter significativo se fragmentou e, conforme a situação na qual o objeto estivesse inserido, este passava a ter um significado específico. As várias construções de significação em relação a um objeto foram levantadas por Barnard. O autor (Derrida, 1978 *apud* Barnard 2003, p.234), fez uso do conceito de Derrida sobre a *indecidibilidade*, entendida como o significado dos signos que é igualmente produzido e destruído por suas relações com outros signos e pelo seu lugar nos diferentes contextos. Desta forma, segundo Barnard, “o significado é sempre um produto de uma relação a coisas que não estão simplesmente presentes e que são, até este ponto, não ambíguas, ou cujo significado simples é dissipado ou dissolvido” (2003, p.235).

Para exemplificar esse conceito, Barnard fez uso da análise de Wright (1989 *apud* Barnard, 2003, p.263), do uso do salto agulha na década de cinqüenta. Assinalou os diferentes discursos que o uso do salto provocou naquele período. Mostrou como este elemento pode estar condenado a ser *indecidível* em termos de significado. Durante os anos cinqüenta e início dos sessenta, se alternou entre objeto de escravidão e de libertação. “Esses significados são ambos produzidos e destruídos pelas relação do item com os outros itens e pelo seu lugar num certo número de discursos.” (Barnard, 2003, p.236)

Segundo Barnard, “o salto agulha constitui-se intertextualmente no que é objeto do discurso médico, moral, da moda e da indústria e da tecnologia” (2003, p.236). Como mencionado no terceiro capítulo, os médicos condenavam o uso do salto pelos males que este poderia causar, como problemas de coluna e deformação dos pés. Os moralistas desta época ficaram

alarmados com a mudança postural proporcionada pelo uso do salto agulha, que projetava os seios para frente e evidenciava as nádegas, proporcionando um andar cambaleante e sensual. Para os industriais o salto agulha era um problema a resolver: como criar um salto fino de 10 a 15 centímetros que suportasse o peso de quem o usasse sem que quebrassem?³⁵ Para as feministas, o salto agulha estava relacionado com a subordinação feminina em relação aos homens, com a impossibilidade da mulher se locomover com agilidade e o desconforto causados pelo uso destes calçados por longas horas seguidas. Uma visão oposta à defendida pelas feministas associava o uso do salto agulha ao glamour e à rebelião. A imagem da mulher que o utilizava não era a de dona de casa mas sim, a de alguém moderna, atualizada, insatisfeita com a papel convencional de mulher. Como diz Barnard,

“está constituído como não sendo convencionalmente feminino; na verdade, ele está ‘rompendo’ com aquelas idéias tradicionais de feminilidade e desafiando tais idéias. Bem mais do que ser um instrumento de escravização da mulher, passiva, convencionalmente feminina, ele parece também, e ao mesmo tempo, ser a arma de uma mulher que se tornou recentemente agressiva, independente e ‘moderna’.” (Barnard, 2003, p.239)

Assim, sob a visão destas abordagens conflitantes sobre um mesmo objeto Barnard (2003, p.239) afirma, que o significado do salto agulha é *indecidível*. Pois todos estes discursos discordantes sobre o salto agulha coexistem no mesmo espaço de tempo.

6.1. A permanência dos modelos - da modernidade à atualidade

Buscou-se delinear no decorrer da dissertação as várias modificações sofridas e o destaque dado, ao longo da modernidade, ao traje feminino em detrimento do traje masculino. Conseqüentemente, os calçados femininos refletiram a diversidade dos seus trajes femininos criados durante este período, ao contrário dos modelos de trajes e calçados masculinos. Alguns fatores contribuíram para colocar os calçados femininos em evidência: como a elevação das bainhas das saias; a produção dos calçados em massa; a ampliação de seu comércio e; a difusão e propagação da cultura de moda por meio dos novos veículos de comunicação. Estes meios de difusão também contribuíram para institucionalizar a demanda de novidades, em intervalos de tempo cada vez mais curtos.

Para evidenciar a influência da modernidade no design de calçados, enfocando prioritariamente o calçado feminino, utilizou-se como referência calçados femininos encontrados nos periódicos contemporâneos.

Durante o século XIX, duas revistas se firmaram como os “principais veículos de difusão da alta-costura: a revista *Harper’s Bazaar*, fundada em 1867, e a revista *Vogue*, fundada em

³⁵ Esse problema foi resolvido ao se utilizar um pino de metal na estrutura do salto e uma alma de aço resistente. O uso do salto agulha também gerou um outro problema, pois esses saltos finos marcavam os pisos. Em muitos lugares públicos, como museus e aviões, seu uso foi proibido. Em conseqüência destas proibições, ocorreu o aumento do interesse no desenvolvimento de pisos mais resistentes.

1892” (Caldas, 2004, p.55). No século XX, por volta de 1945, surgiu na França, uma terceira revista, a *Elle*, que funcionava como porta voz das tendências do *prêt-à-porter*. Estas revistas foram veículos importantes de difusão e propagação da cultura de moda no século XX.

Devido à estreita ligação entre o design de calçados e a moda, analisada no primeiro capítulo, buscaram-se as influências da modernidade no design de calçados contemporâneos através dos veículos de propagação da moda. Para tal, foram pesquisadas imagens em sites de revistas basilares na disseminação da cultura de moda³⁶. Os sites pesquisadas foram: *Harper's Bazaar*, *Vogue* e *Elle*, de janeiro a março de 2008, de três países que são referências como criadores de design de calçados: França, Itália, Inglaterra e o maior difusor destes designs, os Estados Unidos.

A relação do design de calçados com a moda se acentuou ainda mais na contemporaneidade de pois, cada vez mais, as coleções de roupas passaram a lançar conjuntamente uma coleção de calçados, sob uma estrutura de renovação acelerada. Como destaca Jacobbi,

“(…) nos últimos dez anos, o fenômeno cresceu, por mil razões. Para aumentar a popularidade de suas marcas, as grandes grifes de moda apostaram muito na produção de acessórios: sapatos, mas também bolsas, óculos e cosméticos, mercadorias de preço mais acessível do que roupas, *tailleurs* e casacos”. (Jacobbi, 2005, p.14)

Em sua grande maioria, são os calçados lançados pelas grandes grifes, que figuram nestas revistas de moda e em seus sites. Nestes veículos se destacam alguns designers de calçados de luxo, e em menor número, os calçados *prêt-à-porter*. Os modelos difundidos por estas revistas tornam-se referência de design de calçados.

Com o auxílio de imagens de calçados contemporâneos ilustraram-se as reverberações contemporâneas dos nove modelos básicos de calçados de acordo com a tipologia Oliveira, proposta no segundo capítulo.

6.1.1. Categoria Tamanco

A primeira categoria proposta pela tipologia Oliveira foi o tamanco. Este foi representado na tipologia por dois modelos. O primeiro é todo em madeira, inclusive sua gáspea e cabedal. O segundo modelo possui sua base feita de madeira e seu cabedal geralmente é de tecido ou couro, sendo pregado à estrutura de madeira com tachas. Como pode-se observar, comparando o modelo de tamanco de madeira feito em 1880 com o modelo da figura 68-B, a forma do tamanco permanece a mesma. A diferença entre estes modelos pode ser notada na sua estrutura, no material usado para sua confecção. No modelo *croc* (figura 68-B), o material utilizado é sintético que torna-o mais leve e maleável. Uma outra versão para o modelo tamanco foi lançado na coleção primavera /verão 2008-09 de Stella McCartney (figura 68-A). Este modelo de tamanco de madeira possui a biqueira aberta e a forma tradicional do ta-

³⁶ Faz-se importante mencionar que as revistas especializadas em calçados – *L'officiel Accesories*, *ARS sutoria*, *Collezioni* e *Shoo*, também são um meio de difusão destas coleções de calçados de grife e de propagação do design dos calçados.

manco se modificou com a inclinação do salto. O tamanco II e a figura 68-C representam o segundo modelo de tamanco, no qual pode se notar o cabedal de couro preso com tachas à estrutura de madeira do tamanco.

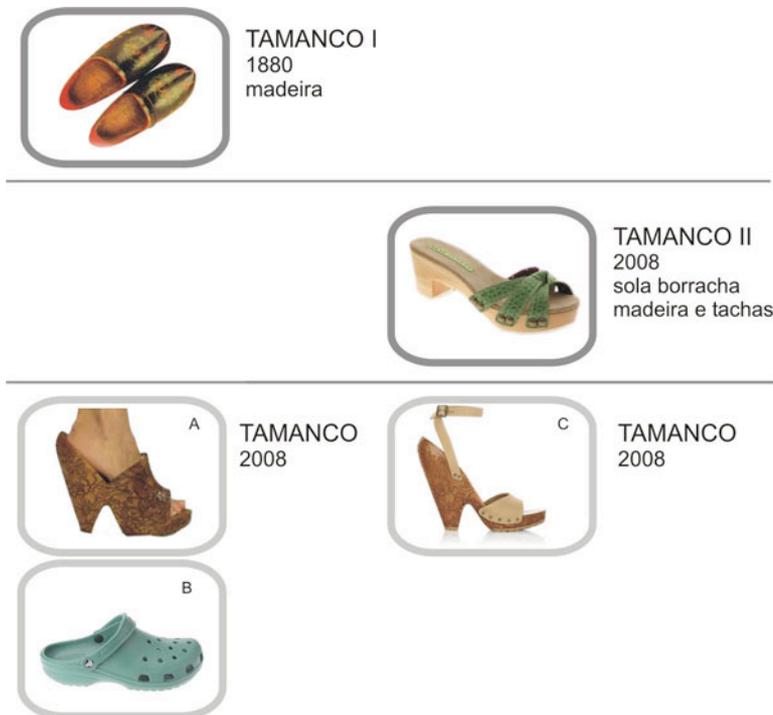


Figura 68 – Categoria Tamanco, 1880 - 2008. Fonte: elaborado pela autora.

6.1.2. Categoria Mocassim

O segundo modelo básico proposto pela tipologia Oliveira foi o mocassim. Este modelo possui uma estrutura muito rígida, o que dificulta inovações em relação às suas formas. As principais modificações que podem ocorrer neste modelo são em relação ao salto (figura 69-A) e as ornamentações (figura 69-B).

Na categoria do mocassim encontra-se o loafer. A versão feminina deste modelo, tornou-se clássica pela marca italiana Gucci (figura 69-C). Nota-se que a estrutura e a forma deste modelo pouco se modificaram e que ainda seguem os padrões estabelecidos em sua origem.



Figura 69 – Categoria Mocassim, 1790 - 2008. Fonte: elaborado pela autora.

6.1.3. Categoria Bota

O terceiro modelo básico da proposta tipológica é a bota. As variações na forma deste modelo de calçado ocorrem no salto (figura 70-A, B, E), na biqueira (figura 70-C), na altura de seu cano (figura 70-D) e no material utilizado. Este podendo ser couro, material sintético laminado, tecido, dentre outros. Observa-se que a estrutura da bota feminina continua a mesma dos modelos do século XIX. Período em que as botas começaram a ser usadas pelas mulheres.

Um outro modelo que pertence à categoria das botas são as galochas. Estas são produzidas em borracha ou plástico. Comparando-se a estrutura da galocha de 1830 com a figura 70 -F, pode-se notar semelhanças quanto a forma. O que as modifica é a sola e os acabamentos, tais como forro interno e a vira. A figura 70-G representa o modelo de galocha com o cano alto.



Figura 70 – Categoria Bota, 1890/95 - 2008. Fonte: elaborado pela autora.

6.1.4. Categoria Mule

A mule é o quarto modelo básico proposto pela tipologia Oliveira. Pode-se observar, comparando-se o modelo de mule de 1680-85, com os modelos de 2008, que a estrutura deste calçado não se modificou. As diferenças entre os modelos de mule estão nas formas do salto, na diversidade de biqueiras: arredondadas, quadradas, ou finas, podendo ainda ser abertas e, na ornamentação. O material utilizado na sua fabricação também marca seu uso, que pode ser esportivo e descontraído (figura 71-C) feita com material sintético, ou formal feita de couro ou tecido (figura 71-A). Um tecido muito utilizado para a confecção das mules é o cetim (figura 71-A, B), talvez pela associação deste modelo de calçado a um calçado de quarto, sensual e delicado.

De acordo com a tipologia Oliveira, o modelo d'Orsay pertence à mesma categoria da mule. Entende-se o modelo d'Orsay como derivado da mule, por também deixar os pés expostos. As figuras 71-D, 71-E e 71-F representam algumas das variações do modelo d'Orsay, em

relação à sua forma. As laterais podem ser abertas em um de seus lados ou em ambos. A figura 71-D possui uma das laterais e a biqueira abertas. A figura 71-E tem as duas laterais e a biqueira também abertas. A figura 71- F possui uma biqueira fina e fechada. Verificou-se no modelo d'Orsay uma variação dos saltos, entre médio e alto.



Figura 71 – Categoria Mule, 1680/85 - 2008. Fonte: elaborado pela autora.

6.1.5. Categoria *Pump*

De acordo com a tipologia Oliveira, os modelos bailarina e Mary Jane, pertencem à mesma categoria, pois se originaram do modelo *pump*. A característica desta categoria é que seus modelos possuem decote que deixa o peito do pé descoberto. As variações que podem ocorrer nestes modelos são em relação aos diversos tamanhos e espessuras do salto, às biqueiras e à diversidade de materiais que podem ser utilizados na sua fabricação.

A característica do modelo Mary Jane é de possuir uma pequena tira que perpassa o peito do pé. A figura 72-D representa uma modificação na estrutura deste modelo, que acontece quando sua traseira passa a ser fechada com uma tirinha que passa pelo calcanhar, como

no modelo chanel. A biqueira pode ser arredondada, quadrada ou fina. O salto pode ser baixo, médio ou alto, e sua espessura também pode sofrer variações.

O modelo bailarina, como pode ser observado comparando a figura do modelo de 1889 com as de 2008 (figuras 72 – G, 72-H, 72-I) , possui uma constante em sua estrutura, ser sem salto ou possuir um salto mínimo. Sua biqueira pode ser aberta (figura 72 - H) ou fechada (figuras 72- G e 72-I), podendo ainda ser evidenciada com o uso de um material diferente daquele utilizado no cabedal (figura 72-I). A novidade nas formas acontece por meio dos materiais e ornamentos empregados.



Figura 72 – Categoria Pump, 1789 - 2008. Fonte: elaborado pela autora.

6.1.6. Categoria Tênis

A sexta categoria proposta pela tipologia Oliveira é o tênis. A elevação do tênis a uma categoria se deu pela especificidade de sua estrutura e fabricação, e por sua influência nos demais modelos de calçados. A categoria tênis possui uma grande diversidade de modelos e usos específicos. Para representar estas especificidades e variedades foram escolhidos alguns modelos: o tênis de basquete (figura 73-A), o tênis não esportivo (figura 73-B), o tênis

não esportivo com salto alto (figura 73-C), a sapatilha de corrida (figura 73-D), o tênis de corrida (figura 73-E) e a chuteira (figura 73-F). Ao analisar a sapatilha de corrida fabricada no início do século XX e a de 2008 (figura 73-D), observam-se as modificações ocorridas na estrutura e na forma deste modelo. As travas de metal foram substituídas por travas feitas de material sintético, modificadas dependendo da superfície em que se vai correr. O material utilizado na versão atual é mais leve, resistente e confortável. O tênis de 1923, também era destinado à prática de esportes como o basquete. Confrontando-o com a figura 73-A, evidencia-se que a estrutura deste modelo se modificou graças ao emprego da tecnologia dos amortecedores



Figura 73 – Categoria tênis, 1923 - 2008. Fonte: elaborado pela autora.

de impacto na sola e de novos materiais utilizados em sua fabricação, que proporcionam maior conforto e leveza. O mesmo acontece com o tênis de corrida (figura 73-E).

6.1.7. Categoria *Monk*

O modelo *monk* tem por característica ser um calçado masculino. Existe uma versão feminina, mas esta preserva as características do modelo masculino. Ao procurar este modelo nas revistas e sites de moda propostos, não foi encontrado nenhuma imagem da versão femi-

na. Desta constatação, pode-se tirar a conclusão de que mesmo com a grande variedade de modelos difundidos por estes veículos de moda, existem modelos que não se fazem presentes.



Figura 74 – Categoria *Monk*, 2008. Fonte: elaborado pela autora.

6.1.8. Categoria Oxford

O modelo Oxford feminino tem por característica uma estrutura mais delicada que sua versão masculina. O modelo Oxford de 1886 era destinado à prática de esportes pelas mulheres, o que justifica sua sola de borracha. Como pode-se observar, comparando o modelo Oxford de 1886 com os atuais (figura 74-A, 74-B, 74-C), a estrutura do calçado permanece a mesma. As modificações ocorrem com o uso de cores que evidenciam algumas partes do calçado: a traseira, a biqueira, a gáspea e o cabedal (figura 74-A, 74-B). As biqueiras podem variar entre os três modelos básicos: fina (figura 74-A), arredondada (figura 74-B) e quadrada (figura 74-C).

Uma outra variação que ocorre com este modelo é o uso do salto médio e alto. O modelo Oxford de salto alto de 1880-88 é um modelo clássico de calçado feminino. Como foi mencionado, o modelo Oxford de salto cubano começou a ser usado pelas mulheres no final do século XIX para a prática de esporte, enquanto o Oxford de salto médio a alto já fazia parte do guarda roupa feminino. Talvez por isso o modelo Oxford de salto médio a alto sofreu mais modificações do que o modelo de salto cubano, como pode ser observado nas figuras 74-D, 74-E e 74-F. O modelo de 1880-88 revela a delicadeza e a ousadia, também presentes nos modelos atuais, quer seja por um decote mais ousado na boca do sapato (figura 74 - F), ou por aberturas na gáspea e na traseira do calçado (figura 74 -E), ou pelo uso de cores (figura 74 -D, e 74-E).



Figura 75 – Categoria Oxford, 1880/86/88 - 2008. Fonte: elaborado pela autora.

6.1.9. Categoria Sandália

A categoria sandália possui uma grande diversidade de modelos. A figura de 1800 representa o primeiro retorno, posterior ao período greco-romano, das sandálias femininas, por um curto período de tempo. Seu segundo retorno, por volta de 1930, também foi representado, com os modelos de 1932 e 1938. Desde então, as sandálias não saíram mais de moda. Nos modelos de 2008, buscou-se enfatizar os diversos saltos, biqueiras e os materiais utilizados na sua confecção. Evidencia-se a variedade em alturas e espessuras dos saltos: salto agulha (figura 75-D), salto plataforma (figuras 75-G e 75-H), salto meia pata (figuras 75-E, 75-F) e rasteira (figuras 75-A, 75-B, 75-C). Faz-se importante destacar as inúmeras possibilidades de configuração do cabedal, desde tiras fininhas (figura 75-D) até modelos mais cobertos (figura 75-F). Os modelos também podem ser divididos em esportivos, casuais e sociais. A estrutura da sandália permanece a mesma enquanto as modificações acontecem em suas formas e ornamentos.



Figura 76 – Categoria sandália, 1800- 2008. Fonte: elaborado pela autora.

6.2. Síntese

As imagens acima registram a diversidade de modelos de calçados femininos contemporâneos disponíveis aos consumidores. O critério de escolha de uma dentre tantas possibilidades de calçados acaba sendo um reflexo de um estilo pessoal. Como afirma Caldas,

“Acentua-se a proeminência do indivíduo como vetor de prescrição, como no período anterior ao surgimento da alta-costura. O indivíduo/ consumidor informado, consciente da moda e relativamente independente dos ditames do mercado torna-se um sinal em si, à medida que cada um, em maior ou menor medida tem condição e é estimulado a desenvolver um estilo pessoal – pela explosão da oferta, pelo discurso da mídia, pela variedade de estilos que coexistem sem conflito” (Caldas, 2004, p.60)

Pode-se observar que, com exceção do tênis, as estruturas dos modelos básicos propostos pela tipologia Oliveira se modificaram pouco ao longo do tempo. As mudanças aconteceram nas formas e em alguns elementos como foi observado na página 37, tais como o salto, a biqueira, a cobertura e os materiais. Assim como Barthes, Lipovetsky (1989, p.31-32) também

afirma que as modificações rápidas na moda dizem respeito sobretudo aos ornamentos, pequenos detalhes.

Na realidade, essas variações anuais ocupam muito mais a imprensa e o comércio do que afetam o modelo em geral. Estamos sujeitos a uma espécie de ilusão de óptica que nos faz atribuir grande importância à variação anual das formas, quando na verdade, do ponto de vista histórico, essas variações são absorvidas em grandes ritmos regulares” (Barthes, 2005, p.359).

As modificações que ocorrem nestes pequenos detalhes podem ser exemplificadas através da diversidade de materiais disponíveis para o design do calçado. Uma primeira possibilidade de material utilizado para a confecção do calçado é o couro. Considerado como material nobre, pode ser utilizado em todas as partes do calçado. A sola de couro ficou restrita aos calçados de luxo. As principais características do couro são a capacidade de moldar-se, a boa resistência e a transpiração. O couro possui uma diversidade de tipos e acabamentos, tais como o verniz, a pelica, a camurça, o nobuck e a napa.

Os materiais têxteis são uma segunda possibilidade para o design de calçados. Estes podem ser sintéticos ou feitos com fibras naturais. São usados nos cabedais, gáspeas, traseiras e forros. Algumas das características destes materiais são a leveza e a flexibilidade.

Os laminados sintéticos são uma terceira possibilidade. Estes materiais são construídos a partir de um forro que pode ser feito em “tecidos de trama cruzada e que não cedem nos fios em cruzamento, e outros tecidos de tramas mais fechadas, que cedem pouco em todos os sentidos” (Carrasco, 1995, V.I, p.67), sobre o qual é aplicada uma camada de material plástico.

Os materiais injetados e vulcanizados são utilizados na fabricação de solados, saltos, entressolas e cepas. Os principais materiais utilizados são o policloreto de vinila - PVC, poliuretano - PU, poliuretano termoplástico -TPU, poliestireno - PS, ABS, poliamida - PA, poliéster - PE, etileno acetato de vinila – EVA, as borrachas sintéticas, que são borrachas termoplásticas – TR, o estireno-butadieno – SBR, o polibutadieno – BR, acrilonitrila-butadieno – NBR (Carrasco, 1995, V.I, p.70-72).

As inovações em relação aos materiais geraram uma série de novas possibilidades para o design de calçados, contribuindo para mudanças na forma e na estrutura dos mesmos. Tais como a criação da sandália sem salto (figura 78), o calçado com o salto invertido (figura 77) e o tênis modular (figura 79). A sandália sem salto, criada e patenteada por Antonio Berardi, representa uma modificação estrutural e da forma do calçado. A inovação deste modelo reside em sua elevação acontecer somente na parte dianteira do calçado. Nos outros calçados esta elevação pode ocorrer de três maneiras distintas: ou na parte traseira, ou em toda a estrutura ou simultaneamente nas partes traseira e dianteira.

O calçado de Marc Jacobs com salto invertido (figura 78), destaca-se pela mudança de sentidos que este proporciona. Quando o salto aparece em uma posição inesperada do calçado, ocorre um deslocamento de sentido em relação a estrutura do objeto. Diferentemente da sandália de Berardi, a estrutura deste calçado já havia sido patenteada em 1956.



Figura 77 – Sandália sem salto de Antonio Berardi, coleção primavera /verão - 2008. Fonte: Vogue



Figura 78 – Calçado de salto invertido Marc Jacobs, 2008. Fonte: Vogue.

Um outro modelo que representa uma nova possibilidade para o design de calçados é o tênis Nike *Zvezdochka* (figura 79), criado pelo designer australiano Marc Newson em 2004. Newson instaura a possibilidade de modulação do calçado. O tênis possui três partes distintas, que podem ser substituídas separadamente, possibilitando assim, uma grande variedade



Figura 79 – Tênis Nike *Zvezdochka*, 2004. Fonte: Marc Newson



de de combinações. O modelo *Zvezdochka* representa uma nova possibilidade para a estrutura e para as formas dos calçados.

Na contemporaneidade, alguns limites na estrutura e na forma do calçados começam a ser expandidos. Esses três modelos de calçado (figura 77, figura 78 e figura 79) assinalam esta expansão, em que elementos como o salto alto passam a não mais figurar como um item básico para a elevação da altura; ou em que a estrutura do calçado compõe-se e decompõe-se pelas mãos do usuário.

7. Considerações Finais

7. Considerações Finais

Neste trabalho, buscaram-se evidências de como a modernidade influenciou e ainda influencia o design de calçados e de como ocorreram as mudanças no design de calçados no período.

Pode-se concluir que a estruturação da indústria calçadista aconteceu durante a modernidade, mudando radicalmente a forma de trabalho do sapateiro. A implementação da divisão do trabalho e a incorporação dos sapateiros às fábricas fizeram surgir a necessidade de um novo profissional – o designer de calçados, bem como as características necessárias a este profissional na contemporaneidade.

Procurou-se evidenciar o design de calçados por meio de seu léxico específico. Foram analisadas algumas modelos que consideravam variações temporais, espaciais e tipológicas dos calçados durante a modernidade. Diante deste repertório, foi proposta uma nova tipologia dos calçados – a tipologia Oliveira.

Um dos aspectos mais significativos observados foi a popularização do uso e da venda do calçado, uma das conseqüências de sua industrialização. A princípio, este objeto era usado como uma forma de distinção social pela aristocracia. Posteriormente, seu uso se difundiu entre a burguesia e, por meio da industrialização, se democratizou. Com os avanços tecnológicos e a descoberta de novos materiais, surgiram os calçados sintéticos que tornaram seus preços mais populares, como os calçados *full-plastic*.

Ao longo do trabalho pode-se identificar acontecimentos marcantes na modernidade que influenciaram o design de calçados, tais como, a criação e difusão dos calçados esportivos, a identificação dos países difusores do design para calçados: França, Itália e Inglaterra e o grande número de invenções e patentes geradas em torno deste objeto.

Contudo, de maneira geral, a modernidade estabeleceu muitos dos padrões seguidos na contemporaneidade, com a segmentação de sua fabricação, comercialização, distribuição, estocagem e exportação.

Abordaram-se questões relativas ao design de calçados na contemporaneidade, visando verificar as influências da modernidade. Com o auxílio da tipologia Oliveira, e de veículos de comunicação difusores da cultura da moda, pode-se verificar que o design dos modelos de calçados desenvolvidos ao longo da modernidade ainda são a base do design contemporâneo. As modificações que ocorrem nos calçados, estão relacionadas, em geral, à adoção de novos materiais e inovações tecnológicas. Estes materiais, que cada vez mais utilizam tecnologias avançadas, podem promover um maior conforto para o usuário, em especial no que

se destina a prática esportiva de alta performance. Verificou-se que, em geral, as mudanças que ocorrem nos calçados atuais são superficiais, restringindo -se a ornamentos e pequenos detalhes.

Concluiu-se a partir desta pesquisa que as inovações da modernidade, período de grandes transformações quanto ao desenvolvimento e a produção do calçado, foram a base da indústria calçadista atual.

7.1. Desdobramentos

É de fundamental importância para a consolidação do design de calçados no Brasil que pesquisas aprofundem o tema, levando à consolidação de mais esta área no campo do Design. Como sugestões para futuras pesquisas ficam:

- As questões do uso da tecnologia no design de calçados;
- A verificação da eficácia dos investimentos e iniciativas governamentais brasileiras no desenvolvimento e implementação do design de calçados;
- Como novos designers de calçados formados e seus projetos podem ser absorvidos pela indústria calçadista nacional.

E, finalmente, uma outra possibilidade a ser investigada seria, a ampliação dos conhecimentos em relação à história do design de calçados no Brasil.

Referências Bibliográficas

I. Artigos na Internet

II. Sites na Internet

8. Referências Bibliográficas

BARNARD, Malcolm. *Moda e comunicação*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Bíblia Sagrada, Barsa: 1974.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar : a ventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSSAN, Marie-Josèphe. *The Art of the shoe*. New York: Parkstone, 2004.

BOUCHER, François. *Histoire du Costume: en occident de l' antiquité a nos jours*. Paris: Flammarion, 1983.

CALDAS, Dario. *Observatório de Sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências*. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004.

CARDOSO, Rafael. *Uma introdução à história do design*. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

CARRASCO, José Maria Mena. *Estilismo e Modelagem: Técnica do Calçado*. Novo Hamburgo: J.M.M. Carrasco, 1995, V.I.

_____, José Maria Mena. *Estilismo e Modelagem: Técnica do Calçado*. Novo Hamburgo: J.M.M. Carrasco, 1995, V.II.

CAVALCANTE, Berenice. *A Revolução Francesa e a modernidade*. São Paulo: Contexto, 1997.

DESLANDERS, Yvonne e MÜLLER, Florence. *Histoire de la Mode: au XXe siècle*. Paris: France-Loisirs, 1986.

DUARTE, Marcelo. *O livro das invenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FORTY, Adrian. *Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

- FREUD, Sigmund. *Fragmentos da análise de um caso de histeria; três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HARVEY, John. *Homens de preto*. São Paulo: UNESP, 2003.
- HOBSBAWN, Eric J. *A Era das revoluções: Europa 1789 – 1848*. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2007.
- JACOBBI, Paola. *Eu quero aquele sapato: a maior obsessão feminina*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- LAVIER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império de efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MANZINI, Ezio. *A matéria da invenção*. Portugal: Porto, 1993.
- McDOWELL, Colin. *Shoes, fashion and fantasy*. New York: Rizzoli, 1989.
- MONTEIRO, Valéria A. *Ergonomia, Design e Conforto no Calçado Feminino*. Dissertação de Mestrado, Puc-Rio. Rio de Janeiro: 1999.
- MOTTA, Eduardo. *O calçado e a moda no Brasil: um olhar histórico*. São Paulo: Assintecal, 2005.
- MÜLLER, Florence. *Baskets*. Paris: Éditions du Regard, 1997.
- NIEMEYER, Lucy. *Design no Brasil: origens e instalação*. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.
- O'HARA, Georgina. *Enciclopédia da moda: de 1840 à década de 80*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- O'KEEFFE, Linda. *Sapatos: uma festa de sapatos de salto, sandália, chinelos*. Hong Kong : Könemann, 1996.
- PATTISON, Ângela; CAWTHORNE, Nigel. *A century of style shoes: icons of style in the 20th century*. London: Apple, 1998.

PERROT, Michelle. *História da vida privada*, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PERROT, Philippe. *Les Dessus et les Dessous de la bourgeoisie: une histoire du vêtement au XIX siècle*. Paris: Fayard, 1981.

PETROVSKI, Henry. *A evolução das coisas úteis: cliques, garfos, latas, zíperes e outros objetos do nosso cotidiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

PETRY, Jussara. *Glossário técnico do couro e calçado em seis idiomas*. Massachusetts: Shoe Trades Publishing, 1992.

ROUX, Jean – Paul. *La Chaussure*. Paris: Atelier Hachette/Massin, 1980.

ROSSI, William A. *The Sex Life of the foot and shoe*. Krieger: 1993.

SMIT, Barbara. *Invasão de campo: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, Pedro Luis Pereira de. *Notas para uma história do design*. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

STELLE, Valerie. *Fetichismo: moda, sexo & poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. *Shoes a lexicon of style*. New York: Rizzoli, 1999.

VALIM, Rosa Lidice de Moraes. *A incorporação de requisitos ergonômicos na indústria calçadista: um modelo em prol da saúde dos diabéticos*. Dissertação de Mestrado, Puc-Rio, Rio de Janeiro, 2006.

WALFORD, Jonathan. *The Seductive Shoe: Four centuries of fashion footwear*. London: Thames e Hudson, 2007.

WEBER, Paul. *L'histoire de la chaussure*. Suisse: AT Verlag, 1980.

Artigos na Internet

UFRGS – Revista Eletrônica de Administração, Brasil. Acesso em 17/11/2007:

http://read.adm.ufrgs.br/edicoes/resumo.php?cod_artigo=134&cod_edicao=24&titulo_p=a&cao=busca&pagina=32

FEEVALE - Fontes históricas para uma arqueologia das indústrias calçadistas de Novo Hamburgo - (1890-1920), Brasil. Acesso em 17/11/2007:

<http://www.2csh.clio.pro.br/ines%20caroline%20reichert%20-%20elenice%20rocha%20-%20juliana%20spengler%20-%20erlon%20adam.pdf>

Sites na Internet

Abicalçados, Brasil. Acesso em 24/07/2007:

<http://www.abicalcados.com.br/>

INEP, Brasil. Acesso em 10/08/2007:

http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/funcional/lista_cursos.asp

Shoe – icons, Rússia. Acesso em 9/09/2007

<http://eng.shoe-icons.com/index.htm>

Earth Shoe, Estados Unidos. Acesso em 21/11/2007

<http://www.earth.us/>

Victoria and Albert Museum, Inglaterra. Acesso em 22/11/2007

<http://www.vam.ac.uk/>

Galerie du passage, França, Acesso em 02/12/2007

http://www.galeriedupassage.com/site/galerie_personne.asp?id_personne=232#

Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, Acesso em 02/06/2007

<http://www.fasm.edu.br/index.php/179>

Nike, U.S.A, Acesso em 25/01/2008

<http://www.nike.com/speed/genealogy/home>.

Bata Shoe Museum, Canadá, Acesso em 25/01/2008

http://www.batashoemuseum.ca/exhibitions/beauty_identity_pride/index.

Marc Newson, E.U.A, Acesso em 29/01/2008

<http://www.marc-newson.com/>

Harper's Bazaar, U.S.A, Acesso em 25/01/2008

<http://www.harperbazaar.com>

Revista Vogue, França, Acesso em 25/02/2008

<http://www.vogue.fr>

Revista Vogue, U.K., Acesso em 08/03/2008

<http://www.vogue.co.uk>

Revista Vogue, Itália, Acesso em 08/03/2008

<http://www.style.it>

Revista Vogue, U.S.A., Acesso em 25/02/2008

<http://www.style.com>.

Elle, França, Acesso em 21/03/2008

<http://www.elle.fr>

Elle, Itália, Acesso em 22/03/2008

<http://www.elle.it>

Elle, U.K., Acesso em 21/03/2008

<http://www.elleuk.com>

Elle, U.S.A, Acesso em 21/03/2008

<http://www.elle.com>

Revistas, Jornais e Dicionários

Jornal Exclusivo, Brasil. 2004 Edição especial histórica.

Revista Vougue, Paris: Março 2008 número 885.

Dizionario tecnico della calzatura, Editrice ARS Sutoria Milano.

9. Apêndices

- I. Breve história da indústria brasileira de calçados
- II. Descrição das partes constitutivas dos calçados
- III. Tabela de conversão de tamanhos dos calçados
- IV. Revisão de literatura sobre calçados
- V. Glossário dos modelos de calçados

Apêndice I. Breve história da indústria calçadista

A indústria calçadista brasileira teve seu início em 1824 no Rio Grande do Sul, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães. Estes foram instalados no Vale dos Sinos, além de atuarem na agricultura e na criação de animais, eles também trouxeram consigo a cultura do artesanato, principalmente nos artigos de couro.

No final do século XIX, começa a ser sentido no Brasil o impulso modernista, sob a influência do processo de industrialização europeu. Um dos registros importantes foi o advento da indústria calçadista em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul em 1890. Uma grande mudança em relação à profissão ocorreu neste período: a mudança do sapateiro-artesão que oferecia seus serviços, ao longo do século XIX, em atelier ou oficina, para o sapateiro-operário com funções especializadas que refletiam as mudanças nas formas de produção.

No início, a produção era artesanal, destinada à confecção de artigos de couro: selas, arreios e posteriormente calçados. Com a Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870, a produção aumentou. Após o final da guerra, surgiu a necessidade de ampliar o mercado consumidor de arreios e calçados. A produção dos calçados e os curtumes foram se espalhando pelas diversas colônias do Rio Grande do Sul. Com a conclusão da ferrovia que liga Porto Alegre a São Leopoldo e Novo Hamburgo, em 1870, criaram-se condições para um grande impulso na comercialização de calçados. “(...) no Brasil, com inevitável defasagem de tempo, os processos foram similares aos da Europa e Estados Unidos. As primeiras máquinas a vapor foram instaladas no Rio Grande do Sul, ainda no século XIX” (Motta, 2005, p.64). A produção foi tornando-se cada vez mais industrializada.

“Em 1888, surgiu, no Vale do Sinos, a primeira fábrica de calçados do Brasil, formada pelo filho de imigrantes Pedro Adams Filho, que também possuía um curtume e uma fábrica de arreios. O estado gaúcho aumentava a demanda por calçados, fazendo com que a produção se expandisse a cada ano, formando, ao longo do tempo, um dos maiores clusters calçadistas mundiais da atualidade.” (Abicalçados, 2007)

Em São Paulo, os imigrantes ingleses e os escoceses fundaram a fábrica da Clark do Brasil, em 1904.

“Uma das marcas precursoras da fabricação em escala industrial no país foi a Inglesa Clark, chamada Clark do Brasil, que abriu sua primeira loja por volta de 1830, na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Com o mercado já formado e 10 lojas em atividade, em 1904, instalou a primeira fábrica em São Paulo, produzindo 20.000 pares/mês.” (Motta, 2005, p.67)

Em 1920, Novo Hamburgo já abrigava 1180 empregados no setor, em 66 fábricas onde se produziam principalmente sandálias, que eram vendidas para todo o país. De 1930 a 1950, a indústria calçadista se estendeu por todas as cidades do Vale dos Sinos. A partir do final da década de 60, o setor coureiro-calçadista gaúcho passou a atuar com força no comércio exterior, tendo ocorrido, em 1968, a primeira exportação de calçados para os Estados Unidos, com o embarque das sandálias Franciscanas, da empresa Strassburger. Entre 1973 e 1984 ocorreu uma explosão de exportações, incentivadas pelo Governo através de benefícios fiscais, como isenção de ICM - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e IPI - Imposto sobre Produtos Industrializados. Apesar do fim dos incentivos fiscais em 1985, o setor coureiro-calçadista gaúcho adentrou a década de 90 com uma estrutura privilegiada, comportando o maior complexo industrial para fabricação de calçados do mundo ACINH, 1999, um autêntico *cluster*.

Em 2007, a indústria calçadista nacional possuía mais de nove mil fábricas, empregava 300 mil trabalhadores e produzir 800 milhões de pares. Mais de 130 países recebiam o calçado brasileiro, cujas exportações, em 2006, atingiram US\$ 1,8 bilhão com o embarque de 180 milhões de pares.

Atualmente, o Brasil possui nove pólos produtores de calçados, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Paraíba e Ceará, sendo que o estado do Rio Grande do Sul é o maior fabricante do país.

Durante a década de setenta, o Rio de Janeiro foi um grande pólo produtor de calçados, mais foi perdendo espaço para outros pólos como São Paulo e Rio Grande do Sul. Estes possuíam uma produção de larga escala, enquanto que a produção carioca era praticamente artesanal. Com a tendência atual de valorização do produto artesanal, algumas cidades retomaram a produção de calçados “O principal nicho de mercado é o da alta moda, que aprecia produtos de design arrojado e pouca produção.” (Abicalçados, 2007)

No pólo de Minas Gerais, pode-se destacar a cidade de Belo Horizonte, seu surgimento data de 1897, mas sua industrialização somente ocorreu por volta de 1930 com a chegada de imigrantes italianos que fugiram da depressão na Europa. “Belo Horizonte se destaca como fabricante de calçados de design arrojado para o segmento feminino.” (Abicalçados, 2007)

Em Santa Catarina, o pólo calçadista do Vale do Rio Tijucas data de 1926, com a instalação das primeiras sapatarias. Por volta de 95% da produção é voltada para os calçados femininos. O pólo calçadista bahaiano surgiu em 1995 e possui uma produção diversificada: tênis, chuteiras e calçados. O pólo calçadista de Goiás conta com uma matéria-prima abundante, o estado possui o quarto maior rebanho bovino do país, favorecendo o crescimento e a solidificação da indústria calçadista.

Tanto o pólo calçadista da Paraíba quanto o do Ceará têm como base de sua produção os calçados para o mercado de baixo poder aquisitivo. Eles são em sua maioria feitos de materiais sintéticos ou injetados. O pólo calçadista da Paraíba é o maior produtor de sandálias sintéticas do país. Seu apogeu aconteceu em consequência das exportações ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial até meados dos anos cinquenta. Nos anos sessenta co-

meça a entrar em declínio. Retoma a exportação, graças à incentivos fiscais do governo, visando a implantação de grandes indústrias calçadistas em seu território.

Apêndice II. Descrição das partes constitutivas dos calçados

Gáspea - <i>Vamp</i>	Parte do calçado que fica em cima do pé, é a parte frontal.
Traseiro - <i>Back curve</i>	Parte traseira do cabedal do sapato cobrindo o contraforte e laterais do sapato e preso à gáspea frontal. .
Salto - <i>Heel</i>	Estrutura para a elevação embaixo da parte traseira do sapato.
Boca - <i>Instep</i>	Entrada do pé.
Boca do salto - <i>Heel breast</i>	Peça de trás calçado. Sua função é segurar o calcanhar.
Sola - <i>Outsole</i>	Parte do calçado que fica em contato direto com o solo.
Cabedal - <i>Upper</i>	Parte do calçado que fica acima da sola.
Palmilha - <i>Sock</i>	Camada de material imprensada entre a entressola e a sola do pé.
Tacão - <i>Heel tip</i>	Estrutura localizada logo abaixo do salto, que fica em contato com o chão.
Entressola - <i>Middle sole</i>	Camada de material entre a sola e a palmilha para reforçar ou almofadar.

Forro - <i>Lining</i>	Camada de contato com o pé combinada com o cabedal do sapato ou outras partes. Tipos comuns de forro: traseiro, gáspea, lingueta ou tiras.
Contraforte - <i>Counter</i>	Um reforço externo sobre os traseiros. Proporciona firmeza ao caminhar.
Lingüeta - <i>Tong</i>	Parte que protege o peito do pé da fricção dos atacadores.
Biqueira - <i>Toe box</i>	Parte endurecida aplicada à biqueira do sapato para manter sua forma ou área geral dos dedos dos pés dentro do sapato para armazenar os dedos.
Palmilha - <i>Insole</i>	Camada de material impressada entre a entresola e a sola do pé. Apoio ao qual são anexados o cabedal, a sola, os forros, e a biqueira do sapato.
Vira - <i>Welting</i>	Uma tira de couro flexível colocada ao redor da parte interior da beira do cabedal do sapato, servindo como junção entre o cabedal e a sola.

(Petry, 1992)

Apêndice III. Tabela de conversão de tamanhos dos calçados

A tabela de conversão de tamanhos pode ser dividida em três categorias. Infantil que vai do número 13 ao 32, feminino que vai do número 33 ao 40 e masculino que vai do número 37 ao 46, de acordo com a numeração utilizada no Brasil. Na tabela foi destacado o número 35 e o número 40, por eles serem os números dos calçados utilizados para confeccionar e testar os protótipos, feminino e masculino respectivamente. A partir deles as outras numerações são confeccionadas.

Ponto Inglês	Ponto Inglês USA	Ponto Francês	Brasil	Modopoint - cm
-	0	15	13	8.5
0	1	16	14	9
1	2	17	15	9.5
2	3	18	16	10.5
3	4	19	17	11.5
4	5	21	19	12
5	6	22	20	13
6	7	23.5	21	14
7	8	25	23	15
8	9	26	24	16
9	10	27	25	17
10	11	28	26	17.5
11	12	29	27	18.5
12	13	30.5	28	19.5
13	13.5	31	29	20
13.5	1	32	30	20.5
1	2	33	31	21
2	3	34	32	21.5
3	4	35	33	22
3.5	4.5	36	34	22.5
4	5	36.5		23
4.5	5.5	37	35	23.5
5	6	38	36	24
5.5	6.5	38.5		24.5
6	7	39	37	25
6.5	7.5	40	38	25.5
7	8	40.5		26

7.5	8.5	41	39	26.5
8	9	42	40	27
8.5	9.5	42.5		27.5
9	10	43	41	28
9.5	10.5	44	42	28.5
10	11	44.5		29
10.5	11.5	45	43	29.5
11	12	45.5		30
11.5	12.5	46	44	30.5
12	13	47	45	31
12.5	13.5	47.5		31,5
13	14	48	46	32
13.5	14.5	48.5		32.5
14	15	49	47	33
14.5	15.5	50	48	33.5
15	16	51	49	34

Apêndice IV. Revisão de literatura sobre calçados

De modo geral, quando se procura literatura sobre sapatos depara-se com um grande número de livros, em sua grande maioria em inglês e francês, sobre sua história, desde os primeiros registros no Egito antigo até a atualidade. A intenção desta análise bibliográfica dos livros e teses encontrados a esse respeito está em ajudar no trabalho de futuros pesquisadores, já que muitos destes livros são difíceis de encontrar em bibliotecas ou já estão fora de edição.

Dentre os livros sobre a história dos sapatos, tem-se o de Eunice Wilson, que possui uma estrutura que lembra as enciclopédias ilustradas dos costumes, comuns no século XIX. Seu trabalho, publicado em 1969, se aproxima mais de uma arqueologia inglesa dos sapatos, abordando desde os homens pré-históricos até a década de sessenta. Através de uma metodologia que faz lembrar pequenas escavações lineares de tempo, o autor tenta englobar o todo para poder compreender os ciclos e as espirais do design de calçados. Para Wilson, somente através do estudo do passado poderíamos entender o presente e, desta forma, compreender-se-ia as mudanças de direção do design de sapatos ao longo do tempo.

Em 1976, o doutor em *podiatric medicine* William A. Rossi publicou seu livro *The sex life of the foot and shoe*³⁷, um estudo detalhadíssimo sobre o pé e o sapato, e todas as relações possíveis destes com a sexualidade. Rossi foi um dos primeiros autores, se não o primeiro, a propor uma classificação entre os tipos de sapatos, dividindo-os em oito categorias básicas.

Jean-Paul Roux dedicou-se a escrever um livro sob o título *La Chaussure* publicado em 1980. Nele o autor propõe uma ampliação do olhar em relação aos sapatos. Assim, ao invés de uma abordagem linear da história dos sapatos, Roux trabalha as relações do mesmo com a moda, com a religião, com o pé, com a literatura e com a arte. Para Roux, as questões psicanalíticas ou psiquiátricas trabalhadas a exaustão por Rossi são apenas mais uma das muitas questões levantadas pelos sapatos, pois o mesmo está ligado a diversos domínios das ciências humanas como a história, a etimologia, a sociologia, a antropologia e a economia. Porém, faz-se importante ressaltar que, em relação a todas estas áreas de conhecimento, o sapato sempre foi visto como algo menor, quase nunca trabalhado como tema principal em pesquisas, salvo algumas exceções.

A partir de 1968, Paul Weber tornou-se curador do museu Bally de calçados. Este museu localizado na cidade de Schoenenwerd, Suíça foi inaugurado em 1942. Seu livro publicado em 1980, é uma pequena mostra de um acervo fantástico. Seu livro, *L'histoire de la chaus-*

³⁷ Tradução - A Vida Sexual do Pé e do Sapato.

sure, começa com um breve relato da evolução dos calçados. Tratou desde as primeiras imagens do uso de calçados encontradas em cavernas até as botas usadas pelas damas em 1885. Ao longo do livro, o autor foi descrevendo e contextualizando cada um dos calçados citados na evolução dos calçados. Procurou abranger a história dos calçados até o ano de 1900.

Mary Trasko, em 1989, escreveu seu livro *Heavenly Soles: extraordinary twentieth-century shoes*. Nele, a autora foca-se em um período na história do sapato como objeto de seu estudo, escolhendo especificamente o século XX. Trasko tratou todos os acontecimentos de forma cronológica, linear, com o olhar voltado principalmente para as influências e consequências desses fenômenos na América do Norte.

Diferentemente de Trasko, Linda O’Keeffe em seu livro *Sapatos: uma festa de sapatos de salto, sandália, chinelo...*, propõe uma nova forma de análise dos sapatos, não mais linear, e sim por seus tipos, talvez de alguma forma influenciada pela classificação dos modelos de calçados de Rossi. O’Keeffe dividiu seu livro em nove capítulos cada um destinado a um tipo específico de sapato, são eles: sandália, salto, sapato salão, sapato cerimônia, sapato prático, botas, chopins e plataformas, fetichismo e sapato Lótus e sapatos únicos. O’Keeffe fez uso de outro artifício muito interessante para a apresentação dos calçados em seu livro, o encadeamento de imagens não lineares em relação ao tempo/espaço ao longo da história do sapato. Se faz importante ressaltar que o livro de O’Keeffe é um dos poucos livros sobre a história dos sapatos que foi traduzido para o português.

Em 1997, Florence Muller escreveu um livro dedicado ao mais moderno dos calçados – o tênis. Seu livro foi dividido em três capítulos, o primeiro tratou a história do calçado esportivo, o segundo o fenômeno da moda em relação ao uso do tênis e o último capítulo, o reino das marcas, descreve as diversas marcas de tênis, sua história e seu principais modelos.

Angela Pattison e Nigel Cawthorne, assim como Trasko, dedicaram-se a escrever um livro sobre a história dos sapatos no século XX. O livro foi publicado em 1998 sob título *A century of style shoes: icons of style in the 20 th century*. As autoras dividiram-no em duas partes: na primeira parte, propõem dez tipos de sapatos: *Court shoes and Pumps, Slippers e Mules, Evening Shoes, Stilettoes, Sandals, Clogs, Plataforms e Wedges, Brogues, Loafers e Moccasins, Boots, Functional e Cult*; a segunda parte, foi dividida de forma cronológica por décadas, desde 1900 até o ano 2000, apresentando os sapatos que de alguma forma marcaram cada uma das décadas do século XX.

Tal como Pattison; Cawthorne e Trasko, Valerie Steele, em seu livro *Shoes: a lexicon of style*, dedicou-se a escrever sobre os sapatos do século XX. No entanto, a autora procurou explorar o significados sociais e psicológicos dos diversos tipos de sapatos durante este período. O trabalho de Steele, de certa forma, mantém diálogo constante com o livro de Rossi.

Até o presente momento, a contribuição mais recente no mercado editorial brasileiro foi de Eduardo Mota, com seu livro *O calçado e a moda no Brasil: um olhar histórico*, lançado em 2005. Mota relata como se estruturou a indústria calçadista brasileira e as influências que a

mesma sofreu ao longo dos anos, bem como, resgata os modelos de calçados presentes no imaginário dos brasileiros ao longo do século XX.

No outro extremo, dos livros escritos sobre sapatos, tem-se o livro de Paola Jacobbi, *Eu quero aquele sapato: tudo sobre uma obsessão feminina*. A autora trata sobre a adoração feminina em relação aos sapatos. Faz uso da psicologia para criar leis generalistas relacionando o uso de determinados tipos de sapatos e a personalidade do usuário. Para Jacobbi (2005, p.50), "... nossos sapatos de bico fino nada mais são que o símbolo de uma tribo de mulheres particularmente inteligentes, inúteis para os trabalhos manuais e destinadas a posições de poder" .

Academicamente, o tema deste trabalho - o design de calçados, ainda é um assunto pouco pesquisado. Em sua maioria, os trabalhos estão relacionados à economia ou à relação do sapato com a indústria, mais especificamente à produção dos sapatos. Procurando complementar estas pesquisas, este trabalho propõe uma reflexão, um novo olhar sobre este objeto, aparentemente simples, mais que na verdade carrega toda a humanidade.

Em design destacam-se dois trabalhos acadêmicos: *Ergonomia Design e Conforto no calçado feminino* de Valéria Alvin Monteiro e *A Incorporação de Requisitos ergonômicos na industrialização calçadista: um modelo em prol da saúde dos diabéticos* de Rosa Lidice de Moraes Valim. Ambos dissertações de mestrado em design defendidas em 1999 e 2006 respectivamente, na Puc -Rio. As dissertações têm como foco o estudo da ergonomia nos calçados, visando contribuir para o aumento da qualidade deste objeto.

Diante da bibliografia levantada, pode-se estabelecer um ponto comum entre todas as abordagens: todas têm o sapato como foco principal de seus relatos.

Apêndice V. Glossário dos modelos de calçados

Bailarina ou sapatilha uma versão do modelo pump sem salto. “Sapatos leves, baixos e simples, originalmente usados e criados no século XVIII. No final do século XIX, sapatilhas de verniz tornaram-se o calçado adequado para homens freqüentarem bailes à noite. No século XX, as mulheres adotaram sapatilhas feitas de plástico ou couro para o dia , para a noite e para o lazer” (O’HARA, 1992, p.244).

Bota qualquer tipo de calçado com uma cobertura em torno da perna. Originalmente eram constituídas de duas partes, o sapato e a perneira. Quando estas partes, mais tarde, foram unidas em uma única peça, as botas de fato nasceram. Dependendo da altura do cano e das suas características de modelagem, pode chamar-se bota, bota de cano longo ou botina. **Borzeguim** é uma botina cujo cano é fechado com cordões entrelaçados.

Brogue “Sapato resistente originário da Escócia e da Irlanda, como peça inteiriça de couro cru, amarrado com um cordão. O brogue do século XX é um sapato de amarrar, com salto baixo. Feito de couro costurado, tem um desenho perfurado” (O’HARA, 1992, p.55). Este tipo semelhante ao inglês e sua característica marcante são detalhes vazados e as costuras que enfeitam sua gáspea comprida, com biqueira.

Derby “Sapato de amarrar semelhante ao Oxford. Possui recortes e adornos costurados à gáspea” (O’HARA, 1992, p.98).

D’ Orsay sua cobertura ser dividida entre a traseira e a biqueira.

Galocha calçados feitos de borracha. “Protetores de borracha para sapatos, a princípio usados pelos homens em meados do século XIX. Foram adotadas pelas mulheres no início do século XX” (O’HARA, 1992, p.125).

Loafer “Palavra inglesa que designa um sapato de salto baixo, semelhante a um mocassim de couro, originário da Noruega. Foi lançado nos Estados Unidos na década de 40. Da mesma forma que o mocassim, o loafer é um sapato fácil de calçar, com uma parte amarrada na frente. Tradicionalmente usado por homens, é também um calçado informal para mulheres” (O’HARA, 1992, p.176).

Sapato boneca ou Mary Jane o nome deste modelo de calçado foi introduzido por volta de 1909, designando a princípio calçados infantis que possuem uma tira no peito do pé. “Sapato com pulseira abotoada no tornozelo, ou sem salto ou com saltos baixos, foram originalmente criados para crianças. Durante a década de 20, o modelo foi muito usado pelas mulheres” (O’HARA, 1992, p.244).

Mocassim Tipo de calçado que se caracteriza pela sua forma de montagem apresentando uma costura na parte superior da gáspea (espelho), e por seu cabedal envolver todo o pé, inclusive a sola, sendo, por isso, chamado normalmente de mocassim tubular. Normalmente apresenta salto médio, em calçados femininos e baixos em calçados masculinos.

“Tradicionalmente, um pedaço de couro que envolvia o pé por baixo. As sobras nas extremidades eram franzidas e costuradas na parte superior. Acredita-se que o mocassim tenha surgido entre os índios americanos. Durante o século XX, foram adaptados a calçados informais, tanto masculinos quanto femininos” (O’HARA, 1992, p.188).

Monk sapato com traseiros sobrepondo-se sobre a lingüeta, normalmente fechado, com tiras e fivelas. O modelo Monk é semelhante ao Napolitano, mudando apenas seu sistema de fechamento, que é feito através de passador com fivela, no lugar dos cadarços

Mule tipo de calçado sem atacadores e sem a parte traseira. “Palavra francesa que designa um chinelo de quarto com salto, usado desde a década de 40” (O’HARA, 1992, p.193).

Oxford sapato fechado de amarrar onde a aba dos ilhoses é costurada sob a gáspea. Quando o primeiro sapato de amarrar foi introduzido na Inglaterra em 1640, eles rapidamente tornaram-se populares com os estudantes da Universidade de Oxford, e desde lá, ambos, o estilo e o nome expandiram. Caracteriza-se como um modelo fechado, de amarrar, em que a gáspea e o traseiro se sobrepõem às laterais. Por tradição a gáspea é formada por duas peças, onde a biqueira se sobrepõe à segunda peça

Pump calçado sem atacadores, leve e delicado.

Sandália Este modelo é considerado um dos tipos mais antigos. O modelo pode ser definido como uma sola fixada aos pés através de tiras, pulseiras, tornozeleiras, ou outro tipo de cabedal pequeno, que mantenha a característica de deixar a maior parte do pé exposta, ou seja, de ser um calçado aberto. Podem ser encontrados modelos nas mais diversas construções e alturas de saltos, desde os tipos mais simples até os mais sofisticados.

Sapato aberto Sapato que tem a frente fechada, mais deixa o calcanhar à mostra, apoiado por uma tira. Lançado nos anos 20, o sapato aberto entra em moda em alguma época em todas as décadas.

Tamanco calçado feito de madeira Modelo que se caracteriza por apresentar um solado de madeira (cepa), sendo que a gáspea normalmente só cobre o peito do pé. Sua gáspea pode ser fechada ou aberta na frente e, eventualmente, ainda pode ter um tira que circunde o calcanhar. Também encontramos tamancos com solados de materiais sintéticos.

Tênis Calçado que tem como característica o grande número de reforços e costuras na gáspea, colarinhos estofados, cadarços grossos e reforçados, destinado normalmente a atividades esportivas ou de lazer. Dependendo de sua finalidade, pode ser encontrado com diferentes alturas de cano. Sapato de sola de borracha com a parte superior de lona, marra-do com cadarço.

Salto Agulha “Salto alto e fino que surgiu na Itália durante a década de 50. Era feito de náilon e plástico, que frequentemente recobriam um interior de metal” (O’HARA, 1992, p.242).

Salto cubano “Os gaúchos usavam botas com saltos curtos, retos e bem grossos, que apoiavam seus pés no estribo. O salto, conhecido como “salto cubano” , tornou-se popular em botas e sapatos masculinos nas décadas de 50 e 60” (O’HARA, 1992, p.243)

Salto Luis XV “surgiu no reinado do soberano francês Luís XIV (1643-1715), quando o termo (em Inglês, *louis heel*) descrevia o método de confeccionar numa só peça a sola e o salto. Na segunda metade do século XIX, a expressão referia-se a um salto grosso, em geral coberto, que se afinava no meio antes de alargar-se novamente; foi usado pela primeira vez no reinado de Luís XV(1715-74)” (O’HARA, 1992, p.243).

Salto anabela “sola em formato de cunha” (O’HARA, 1992, p.244).